

ESTUDO DA AÇÃO DO PISOTEIO NA DEGRADAÇÃO DE FEZES BOVINAS EM PASTAGENS DE CAPINS BRAQUIARÃO E TANZÂNIA

PÁSCOA, A.G.¹, PARANHOS DA COSTA, M.J.R.^{1,2}, CHIQUITELLI, M.N.^{1,3}, MACAGNAN, E.B.¹, ALENCAR, M.M.⁴

O acúmulo de fezes nas pastagens traz prejuízos para o crescimento das forragens, rejeição da planta contaminada e, também, propicia meio para a proliferação de insetos indesejáveis. Com a intensificação da produção, e conseqüente concentração de animais em pequenas áreas, esse problema se torna ainda mais sério. O objetivo desse trabalho é avaliar o efeito do pisoteio na degradação de placas de fezes, em duas pastagens distintas. O estudo foi realizado na Fazenda Canchim, do Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste / EMBRAPA, em São Carlos, em sistema rotacionado de *Brachiaria brizantha* cv. Marandú e *Panicum maximum* cv. Tanzânia, com vacas Nelore, na lotação de 5 UA/ha. Até o momento, 400 placas de fezes foram marcadas, 80 a cada mês, durante 5 meses, 20 delas em cada piquete, 2 de capim-tanzânia e 2 de capim-braquiarião. Foram registrados os tempos de degradação e os fatores envolvidos, com ênfase no pisoteio. A frequência (0, 1, 2, 3 ou 4 pisoteios) e o nível de pisoteio (0%, 25%, 50%, 75% ou 100%), foram as variáveis consideradas. A frequência de pisoteio nas placas de fezes não variou com o tipo de capim (Anova, $F=0,92$; $p=0,338$) mas foi significativamente afetada pelo nível de pisoteio e mês de marcação (Anova, $F=36,05$; $p=0,000$ e $F=8,85$; $p=0,000$ respectivamente), sendo maior nas fezes marcadas em meses mais secos. O tipo de capim influenciou nos níveis de pisoteio de 25% ($51,5\% \pm 50,2$ para Braquiarião e $36,0\% \pm 48,2$ para Tanzânia) ($t=2,72$; $p=0,007$) e de 50% ($42,3\% \pm 49,6$ para Braquiarião e $22,1\% \pm 41,6$ para Tanzânia) ($t=3,85$; $p=0,000$), não sendo significativo nos níveis de 75% e 100% ($t=0,67$; $p=0,506$ e $t=-0,42$; $p=0,674$ respectivamente). A proporção de pisoteio em placas degradadas foi maior em pastagem de braquiarião que em tanzânia (81,5% e 55,8%, respectivamente). Com relação ao tempo que os animais permaneceram no piquete, houve maior frequência de pisoteio no quarto dia, provavelmente, porque, nos três primeiros dias, os animais caminhariam apenas onde teria alimento a ser consumido, portanto, onde ainda não existiriam placas de fezes. Os resultados observados sugerem que outras formas de degradação devem atuar com maior intensidade no tanzânia, e que a probabilidade de uma placa ser pisoteada não depende somente do tempo de permanência dos animais no piquete, mas, também, da disponibilidade da forragem.

Projeto financiado pela FAPESP e ETCO

¹ ETCO - Grupo de Estudos e Pesquisas em Etologia e Ecologia Animal, Departamento de Zootecnia

FCAV/UNESP, Jaboticabal - SP e-mail: agpascoa@yahoo.com.br

² Departamento de Zootecnia, FCAV/UNESP, Jaboticabal, SP. Pesquisador CNPq

³ Programa de Pós-Graduação em Produção Animal, FCAV/UNESP, Jaboticabal - SP

⁴ EMBRAPA, Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste, São Carlos - SP. Pesquisador CNPq